

Direto do UNDERGROUND

O grupo de rock nacional Strike fala de seu novo disco, de suas composições e da relação com os fãs

Por Karen Rodrigues

A banda de rock Strike volta à cena com o novo álbum “Hiperativo”. Gravado e mixado em pouco mais de um mês, o CD traz temas diferentes e letras que, para alguns, podem gerar uma certa polêmica, como é o caso do primeiro single “A Tendência”, que faz uma sátira aos pseudo-roqueiros que seguem a moda de calças apertadas e franjas alisadas por chapinha. Formada em 2003 na cidade mineira de Juiz de Fora, a banda nasceu no *underground* com a única pretensão de tocar em casas noturnas locais. Com o decorrer do tempo foi impulsionada pela internet e caiu no gosto nacional. Com o lançamento do primeiro álbum, o quinteto ganhou vários prêmios como banda de rock revelação. Em entrevista exclusiva a *Folha Universitária*, Marcelo (voz), André e Rodrigo (guitarras), Fabio (baixo) e Cadu (bateria) contaram como foi feita a produção do disco, suas influências musicais e o sucesso que eles fazem hoje em dia.

Folha Universitária – Fale um pouco sobre o novo álbum da banda.

Marcelo – Esse disco a gente curtiu muito fazer. A gente iniciou as composições no Rio e no período de finalizar, acabamos tendo a oportunidade de mudar para São Paulo pra trabalhar com a Arsenal Music e isso acabou atrasando um pouco o CD. Mas 2009 foi um ano que a gente concentrou para finalizar as composições e matar as últimas músicas lá pra outubro. Ficamos dois meses fazendo o processo de pré produção. Então a gente testou todas as possibilidades que podia fazer e na hora que entramos no estúdio para gravar as músicas, estavam bem direcionadas (...). Foi um disco bacana, porque as músicas ficaram mais bacanas, as temáticas ficaram bem diferentes. Cada música tem uma atmosfera, uma conotação diferente da outra. Então deu pra combinar bastante o temático com nuances das músicas, com os climas. Às vezes as músicas pintaram primeiro e às vezes vieram depois.

F.U. – São vocês mesmo que compõem. Como vocês se inspiram para criar as letras?

Marcelo – As letras são um trabalho diário. Todo dia eu mudo uma frase ou acrescento alguma coisa. Música a gente não termina, você abandona, você entrega. Então a gente vai fazendo. Vou escrevendo e mostrando pra eles. Sou o letrista, algumas coisas eu fiz mais em conjunto, sempre fazendo e mostrando, pegando opiniões...

F.U. – A música de trabalho desse álbum “A Tendência” fala que ao mudar o look, aumentou a audiência sem precisar de essência. O que quis passar com essa letra?

Marcelo – É um sarro que a gente tirou da nossa ju-

ventude, da nossa galera. Quando surge o movimento de uma banda, como a gente, o NXZero, vem várias bandas atrás. E sempre a galera que toca fica esperando vir uma tendência de fora, alguma nova informação, então ninguém sabe muito bem o que é, qual é a sua personalidade e espera pra ver o que está acontecendo. Então essa música retrata isso, tira um sarro das bandas novas que surgiram. Nem todas elas a gente curte. Respeitamos todas, são amigos que estão na estrada com a gente, fazem parte do cenário com a gente. E a gente decidiu nessa música tirar um sarro, mas no “espírito esportivo”, numa maneira sarcástica e até mesmo alegre. Foi a primeira música alegre que a gente fez, uma conotação, mas comédia.

F.U. – Mas nessa letra vocês reportam a mulher como se ela aceitasse “homem sem conteúdo” só porque ele é famoso.

Marcelo – Não é que todas as mulheres vão seguir aquilo ali. Mas de certa forma, se você fizer um solo, se você fizer um som, uma parte das meninas mais novas que seguem essa tendência vai abraçar aquilo ali, entendeu? Na verdade isso não é uma coisa que engloba só os artistas. É em geral. A gente acabou citando bandas, porque elas são os ícones, entre aspas, dessa juventude. Então a gente fez um paradoxo entre isso, mas no geral o que acontece é aquilo ali, seu site tem que ser o mais “bombado” que você vai ser popular. Então tem essa busca desesperada pela fama dos realities shows, esse tipo de coisa, e a gente não curte muito essa postura. A gente pega um caminho diferente.

F.U. – Muitas pessoas conhecem vocês agora, após terem recebido alguns prêmios e pela música ter tocado na Malhação. Mas como começou a banda?

Marcelo – O Strike nasceu *underground* em Juiz de Fora (MG). A gente fazia show em todas as casas noturnas de Juiz de Fora e região, e na época a gente não tinha pretensão de gravar. Nosso intuito era só se divertir mesmo. Então a gente fazia aqueles clássicos do rock em versões mais rápidas e modernas e a gente tocava The Police, Beatles, numa cara meio Green



Foto: Divulgação

Day. Então isso atraiu o público mais velho e mais novo. Então ficou com um leque de show muito grande. E no meio dessa caminhada, a gente fez uma música que teve aceitação muito grande na rádio local em Juiz de Fora. “Aquela História” saiu no primeiro CD, foi single, tocou muito na rádio e a gente fez mais três músicas. Com essas quatro músicas a gente foi contratado, recebemos proposta de todas as gravadoras e na época não tinha uma banda do nosso segmento na Deck Disc e a gente optou a lançar com ela. Até que hoje a gente foi pro Rick (Bonadio), que é da Arsenal Music, mas continua lançando disco pela Deck Disc.

F.U. – Quais são as influências musicais?

Fábio – A gente ouve bastante coisa, mas as principais influências são Blink 182, Beastie Boys e Sublime. São as três maiores influências do nosso som, que é basicamente uma mistura de rock hardcore, punk e hip hop. Essa base é comum a todos. Mas cada um escuta coisas diferentes. E nunca houve uma divergência musical. A gente acaba gostando das mesmas coisas.

F.U. – Como vocês, no auge dos 20 e poucos anos, lidam com o assédio das fãs?

André – A gente trata com o maior carinho do mundo. Tudo que a gente faz é voltado pra eles. A gente deve dar muita atenção e respeito a eles, porque são eles que movimentam nosso trabalho e shows. E a gente tem o maior carinho e tenta atender sempre todos nos shows. Sempre que a gente pode, a gente sai e vai pro meio deles, conversa... A gente não tem muita essa divisão artista/fã. Acho que se a pessoa gosta e considera seu trabalho, pra gente é o maior prazer conversar com eles. Tanto pela internet, quanto ao vivo a gente tem esse feedback imediato. Porque fã que é fã realmente comenta, mete o pau se for preciso, elogia se tiver que elogiar e a gente procura sempre manter essa proximidade.

F.U. – O público de vocês é predominantemente adolescente. Vocês pretendem fazer um trabalho voltado para um público mais adulto?

Marcelo – O nosso público renovou muito. Ainda mais depois desse CD, muitas pessoas já em faculdade, uma galera mais velha assim, tem se interessado pela banda porque sente o amadurecimento do som. Mas a gente não faz muito o som pensando no público não. É bem natural.

Saiba mais:

Confira a entrevista na íntegra no hot site www.uniban.br/folha